

1º Simpósio PORLIBRAS

Estudos Linguísticos e Culturais das Línguas: interface
entre linguagem e sociedade.

25 e 26 de maio de 2023



POVO SURDO: ASPECTOS IDENTITÁRIOS E CULTURAIS

Vânia Marta Machado Leite (UNIOESTE) | vaniamarta5@gmail.com¹
Josenilson Edington da Silva Filho (UNIOESTE) | edingtonfilho@gmail.com²
Jarcia Rios Acioli (UNIOESTE) | jarcia.rios.jr@gmail.com³
Julia Cristina Granetto Moreira (UNIOESTE) | jugranetto@gmail.com⁴
Carmen Elisabete de Oliveira (UNIOESTE) / bety.interprete@gmail.com⁵

RESUMO: A valorização do ser surdo com suas múltiplas identidades é o ponto de partida que estimula a pesquisa a percorrer esse universo cultural riquíssimo e suas manifestações por meio das crenças, danças e artes. Assim, o objetivo deste trabalho foi investigar como a identidade se constitui na presença da surdez, quais as principais características da cultura surda e suas representações. Para tal, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, fundamentada em leituras, análises e debates evidenciando o processo de construção de identidade e da cultura surda através de textos, artigos e produções feitas pelos surdos, pela ótica do surdo e da comunidade surda. Os resultados apontaram a necessidade dos surdos se manterem ativos politicamente, desenvolvendo ações afirmativas, consolidando uma comunidade e uma cultura singular. A contribuição deste estudo é o enaltecimento de uma minoria linguística riquíssima em cultura e saberes, destacando novas concepções sobre o povo surdo, suas múltiplas identidades e capacidades subestimadas por uma sociedade capacitista. Respeitando o lema “Nada sobre nós sem nós”, a construção desta pesquisa teve como fonte autores surdos, CODAS e militantes da cultura surda como: Perlin (2012), Quadros (2019), Skliar (2016), Martins (2012), Campello (2019), Campos (2012), Stumpf (2012) dentre outros. Dessa forma, almejamos aquecer a reflexão, a discussão sobre a identidade e cultura surda e fomentar a luta pelos direitos da inclusão dos surdos em qualquer espaço social. E, assim reafirmar o amor e orgulho de ser surdo, mobilizar a identidade de outros surdos e ouvintes, fazendo com que a sociedade perceba que o surdo é um sujeito histórico que possui cultura própria e autêntica, não cabendo mais a discriminação, o preconceito e a visão capacitista arraigada em atitudes ouvintistas.

Palavras-Chave: Cultura surda; identidade; movimento surdo.

¹ Especialista em Libras com Habilitação em Docência (UNIVASF), Professor Bilingue de Surdo (UFCA) e Graduanda em Letras Libras (UNIOESTE), vaniamarta5@gmail.com

² Graduando em Letras Libras (UNIOESTE), edingtonfilho@gmail.com

³ Especialista em Libras com Habilitação em Docência (UNIVASF) e Graduanda em Letras Libras (UNIOESTE), jarcia.rios.jr@gmail.com

⁴ Doutora em Letras (UNIOESTE), jugranetto@gmail.com

⁵ Doutoranda em Letras (UNIOESTE) bety.interprete@gmail.com

INTRODUÇÃO

Falar sobre os aspectos identitários e culturais do povo surdo é mergulhar no passado e, por meio da pesquisa, pretendemos fazer uma retratação pública dessa minoria linguística, mas com uma imensa diversidade cultural rica de saberes, feita no silêncio daqueles que ouvem, mas com muita sonoridade aos que sentem e percebem com os olhos e ouvidos da alma.

O povo surdo historicamente foi massacrado e colocado à margem da sociedade devido a sua diferença linguística, assim descrito por Ana Regina Campello (2019):

Fomos vítimas de violência moral, psicológica, assédio ouvintista, menosprezo, intimação, deturpação verbal, ataque verbal (e visual), intolerância, mas mantemos, com cabeça erguida e firmes, nossos propósitos, apesar da opressão, da intolerância e da diferença linguística (CAMPELLO, 2019, p. 19).

É inconcebível tamanha crueldade as quais o povo surdo passou ao longo da sua história e que ainda hoje reverbera. A Dr^a Karin Strobel (2008, apud GESSER, 2009, p.53) em uma entrevista concedida ao blog *Vendo Vozes*⁶, analisa a história como um período em que “a cultura surda foi marcada por muitos estereótipos, seja através da imposição da cultura dominante, seja das representações sociais que narram o povo surdo como seres deficientes”. (STROBEL, 2008).

Porém, como forma de resistência e para esclarecer as capacidades do povo surdo, um grupo de pesquisadores e autores surdos como Perlin, Stumpf, Rosa, Martins, Campos, Vilhalva, dentre outros, lançam um livro intitulado *Um Olhar sobre Nós Surdos* (2012), relatando a importância de compreender as múltiplas identidades surdas e a cultura como uma forma de resistência e propagação do ser surdo.

Identidades surdas no plural por serem múltiplas. A identidade não é presa a um modelo único, indivisível, pelo contrário, a diversidade dos indivíduos existentes na esfera social predispõe a uma variedade de identidades decorrentes dessas trocas sociais e escolhas pessoais. Identidades surdas são como o ar que sacode as folhas das árvores. É o ar que os surdos respiram, inspiram, transpiram (ROSA, 2012, p. 21-22).

A autora ainda esclarece que a identidade surda pode ser definida por “um conjunto de tradições, costumes, interesses, cultura e língua desenvolvido e vivido pelo povo surdo.” (ROSA, 2012, p. 22). Nesse sentido essa pesquisa versa investigar teoricamente sobre os aspectos identitários e culturais do povo surdo, analisar a cultura surda como meio de

⁶ <http://blogvendovozes.blogspot.com/search/label/Karin%20Strobel>. Acessado em: maio/2022

valorização e resistência do povo surdo e refletir sobre as consequências históricas do ouvintismo sobre o surdo. Para atingir tal objetivo buscou-se auscultar como a identidade se constitui na presença da surdez, quais as principais características da cultura surda e suas representações.

A abordagem utilizada na pesquisa foi bibliográfica, de natureza qualitativa, fundamentada em leituras, análises e debates evidenciando o processo de construção de identidade e da cultura surda através de textos, artigos e produções feitas pelos surdos, pela ótica do surdo e da comunidade surda. A base teórica utilizada para fundamentar o artigo estará entrelaçada por autores surdos, CODAS e militantes da cultura surda como Perlin (2012), Quadros (2019), Skliar (2016), Martins (2012), Campello (2019), Campos (2012), Stumpf (2012) dentre outros, respeitando o lema “Nada sobre nós sem nós”.

Essa pesquisa contribui para apresentar novas concepções sobre o ser surdo, revelando o povo surdo como ele de fato é, e suas múltiplas identidades e capacidades menosprezadas por uma sociedade capacitista⁷,

BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL

A educação de surdos no Brasil teve início durante o período imperial no século XIX, contando com o apoio de D. Pedro II e a iniciativa do Professor surdo francês Edward Huet. Dessa forma, em 1857, foi fundada no Rio de Janeiro a Imperial Instituto de Surdos-Mudos, primeira escola privada especializada na educação de surdos na Corte brasileira, mas que com a promulgação da Lei nº 939, de 26 de setembro de 1857, concedia subsídio e pensão aos alunos surdos, pobres. Nesse período, não havia professores especialistas em língua de sinais, fazendo com que a prioridade fosse a oralização e a leitura labial.

Em 1875, Flausino José da Gama, surdo congênito, publica a obra *Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, sendo este, o primeiro documento produzido no Brasil voltado para a aprendizagem e disseminação da Língua de Sinais.

O Instituto Santa Terezinha⁸, fundado em 1929 no Estado de São Paulo, teve grande importância na educação de surdos, visto que nessa época a prioridade era aquisição de fala e reeducação da audição. Ao longo das décadas, os métodos de ensino foram sendo adequados e atualmente a instituição oferece o ensino bilíngue com acesso a Língua de Sinais e Português escrito facilitando o desenvolvimento cognitivo-linguístico dos alunos.

⁷ Capacitista vem do termo Capacitismo que significa a discriminação de pessoas com deficiência (...) O termo é pautada na construção social de um corpo padrão perfeito denominado como “normal” e da subestimação da capacidade e aptidão de pessoas em virtude de suas deficiências.

⁸ Disponível em: < <https://www.institutosantateresinha.org.br> > acesso em: 06 de jan 2023.

Refletindo as mudanças e modernização da década de 1950, a escola Imperial Instituto de Surdos-Mudos substituiu a palavra “Mudo” pela palavra “Educação”, passando a ser reconhecida como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

No final da década de 1980, começa um movimento dos surdos pela oficialização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), pressionando pela criação de um projeto de lei em 1993, que resultou, posteriormente, na criação da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Tal lei reconhece a legitimidade da Língua Brasileira de Sinais como língua materna dos surdos, tornando obrigatória sua adoção pelo poder público e empresas concessionárias de serviços públicos, sendo regulamentada pelo Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, colocando a LIBRAS como componente curricular, o ensino da língua portuguesa como segunda língua oferecida aos alunos surdos, assim como uso e difusão da língua em ambientes públicos e privados.

O processo de valorização e reconhecimento dos surdos começou a ser notado após a regulamentação da Lei nº 10.436, visto que sempre foram estigmatizados e considerados inferiores. Inicialmente foi uma valorização lacônica, pois o número de pessoas ouvintes que usavam a LIBRAS eram ínfimos, principalmente no ambiente escolar onde a comunicação entre professores, alunos surdos e alunos ouvintes ficou dependente de pessoas que soubessem Libras para fazer a mediação.

Foi então que em 2010, a Lei nº 12.319 regulamentou a profissão do tradutor e intérprete de LIBRAS, profissional fundamental nas instituições de ensino e repartições públicas, atuando no apoio, interpretação e comunicação nesses ambientes, tornando-os acessíveis.

A comunidade surda vem gradativamente conquistando visibilidade e novos espaços, mesmo enfrentando muitos entraves. Mais uma conquista foi a Lei 14.191 sancionada em 2021, que insere a Educação Bilíngue de Surdos na Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nas escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos e polos de educação bilíngue de surdos, a LIBRAS será a primeira língua e o Português escrito, a segunda.

O QUE SÃO IDENTIDADES E CULTURA SURDA?

O homem historicamente traz a necessidade de rotular grupos em uma tentativa de limitar o desenvolvimento deles e por muitas vezes, trazendo não só limitações físicas como parâmetros, assim por eles impostos, como também acreditando que estas limitações definem o desenvolvimento intelectual do ser. As pessoas surdas há muito foram e continuam sendo marginalizadas socialmente, como seres incapacitados de evoluírem, por pessoas imbuídas de

ignorância e preconceito que cortinam as potencialidades cognitivas de pessoas que, por não ouvirem, necessitam de oportunidade e acessibilidade para desenvolverem suas capacidades. Essa realidade é encontrada facilmente em discursos hegemônicos, assim caracterizados por atitudes do ouvinte sobre o surdo, conhecida como ouvintismo⁹, discriminando o ser surdo. Nas palavras de Wrigley:

Para aqueles que ouvem, a surdez representa uma perda da comunicação, a exclusão a partir do seu mundo. Em termos cosmológicos, é uma marca de desaprovação. Ela é a alteridade, um estigma para se ter pena e, por isso exilada às margens do conhecimento social [...]. Seu “silêncio” representa banimento ou, na melhor das hipóteses, solidão e isolamento. A atividade missionária e o auxílio caridoso são encorajados como as respostas moralmente legítimas (WRIGLEY, 1995, p.16 apud SKLIAR, 2016, p.16).

Consciências como essa ainda perduram nos tempos atuais. Esta visão necessita ser ressignificada a partir de estudos que tragam à luz do saber quem são essas pessoas que carregam no seu DNA o histórico de marcas do ouvintismo. Desta forma, é feito um convite ao mergulho no estudo do ser surdo, sua cultura, diversidade e riquezas.

Ao tratarmos o surdo como povo surdo, podemos cometer erros involuntários pela falta de conhecimento, o rotulando como seres homogêneos, que segundo Skliar (2016, p. 14), “seria um equívoco conceber os surdos como um grupo homogêneo, uniforme, dentro do qual sempre se estabelecem sólidos processos de identificação”. Somos múltiplos, sejamos ouvintes ou surdos, e estamos em constantes transformações e adaptações. Essa é uma forte característica do ser humano, a capacidade de se adaptar ao meio. Desta forma, antes de limitarmos o ser surdo pela sua capacidade auditiva, pois essa também possui variações, devemos partir do princípio platônico que nada sabemos, por mais avançado que seja o nosso estudo.

O povo surdo apresenta múltiplas identidades que se moldam a partir do seu contexto social e sua autopercepção como um ser surdo. Foucault (1997) conceitua identidade como múltiplas e decorrentes do momento vivido pelo sujeito social. Desta forma a proposta de um estudo sobre identidades surdas é apenas um norteador para o início da compreensão e descaracterização de ideias arraigadas por uma história discriminatória. (Re) Conhecer um povo é saber que ele carrega a sua cultura como forma de resistência e valorização social. O povo surdo também retrata através da sua cultura diversificada a sua identidade, a sua marca, a sua história.

⁹ Segundo Skliar, ouvintismo é “um conjunto de representações dos ouvintes a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narra-se como se fosse ouvinte” (Skliar, 2016: 15).

Quando falamos de identidade, devemos partir do entendimento do significado da palavra identidade, visto que não existe um conceito único que a defina, o que há são percepções variadas de vários autores, que estão em congruência com a ideia de ser algo que está em construção, móvel podendo ser frequentemente transformada, e que impulsiona o sujeito em diferentes posições (PERLIN, 2016).

As identidades surdas são sempre ditas no plural por expressar as múltiplas formas de como o surdo se percebe, como ele é visto e como ele se posiciona no meio social, e estas multiplicidade de identificações se constroem em aspectos familiares, sociais, políticos, variações auditivas. Perlin (2016) explica o porquê de as identidades surdas serem multifacetadas:

É evidente que as identidades surdas assumem formas multifacetadas em vista das fragmentações a que estão sujeitas face à presença do poder ouvintista que lhe impõe regras, inclusive, encontrando no estereótipo surdo uma resposta para negação da representação da identidade surda do sujeito surdo (PERLIN, 2016, p 54).

No ano de 2012, as autoras surdas Gladis Perlin e Marianne Stumpf, ambas Doutoradas na área de Educação, organizam um livro de título *Um olhar sobre nós surdos*, que traz outros autores surdos descrevendo sob a sua ótica as identidades surdas, a cultura surda e como o processo sofrido pelos surdos por estarem expostos a uma sociedade ouvintista que deturpa o ser surdo e sua cultura, dificultam o desenvolvimento social do povo surdo. Quando falamos de cultura surda, logo é associada a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, porém esta não é a representação da cultura surda e sim um recurso na visão de Santana e Bergamo (2005, apud Martins, 2012, p. 150):

O que os professores ouvintes deveriam entender é que a “a língua e a cultura são duas produções paralelas” e, além disso, a língua é um “recurso” na produção da cultura, embora não seja o único. “A língua é, nesse sentido, um instrumento que serve à linguagem para criar, simbolizar e fazer circular sentido, é um processo permanente de interação social” (SANTANA; BERGAMO, 2005, p.150).

Já para as autoras Campos e Stumpf (2012), defendem a língua de sinais como uma forma bastante relevante de expressar a sua cultura por diversos povos surdos.

A cultura surda tem na sua língua de sinais a mais forte conotação de identidade. Os surdos se reconhecem e são reconhecidos pelas suas línguas de sinais. Diferentes entre si, correspondendo aos diversos países em que pertencem, elas constituem um fator poderoso de identificação entre as muitas culturas surdas por sua modalidade visual (CAMPOS; STUMPF, 2012, p. 177).

É importante salientar que cultura não é definida apenas pela forma de comunicação oral ou sinalizada, mas também por padrões comportamentais, crenças, costumes, tradições,

arte e, nesse sentido, voltamos a nossa pesquisa da arte como forma de valorização e resistência da cultura surda. A arte é uma ferramenta cultural de reflexão que permite despertar os sentimentos e transformar as pessoas. Traz à tona a condição social, valores, modo de vida, necessidades e ações de um determinado grupo.

Através de suas mãos, os surdos usam as línguas de sinais como uma ferramenta que permite trilhar um caminho em prol de um objetivo em comum. Esse caminho foi marcado por conquistas e derrotas. Contudo, nele surgiu o que a comunidade chama de Surdidade. Esse conceito foi explanado por Paddy Ladd (2013) como sendo o processo de luta de todos os surdos para ter a sua existência reconhecida como sujeitos que têm uma cultura e participam de uma comunidade.

Embora sejam conceitos já discutidos e assimilados por muitos autores, parece que ainda temos muitos a serem pesquisados. Por isso, entendemos que ainda é importante investir em pesquisas que envolvam esse tema.

MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS / CULTURAIS DA COMUNIDADE SURDA

Partindo do princípio que língua de sinais tem como principal característica ser viso-espacial, a LIBRAS faz uso criativo de diversos níveis linguísticos. No início da década de 90 foi observado por pesquisadores que a contação de histórias em língua de sinais pode incluir sinais com configurações de mãos repetidas, locações, movimentos e arranjos espaciais utilizando composições simétricas, assim como sinais classificadores, direção do olhar, expressões faciais e outras marcações não manuais dando ritmo e entonação numa espécie de melodia viso-espacial (Ryan, 1993 apud Quadros 2019).

Ainda segundo Quadros (2019) uma característica marcante das produções literárias em sinais é o antropomorfismo, a incorporação de atributos humanos às entidades não humanas, tal característica ocorre por meio da "incorporação" da entidade de forma performática. A exemplo disso podemos citar o poema em Libras de Renata Freitas: "Estranhos no Mar"¹⁰, nesse poema somos convidados a mergulhar na cultura surda e sermos envolvidos por meio da língua de sinais, a visualizar toda riqueza da modalidade viso-espacial, os movimentos sinuosos, as marcações espaciais, juntamente com as expressões corporais nos prende do início ao fim, ao tempo que é uma forma de protesto ao descaso com os descartes indevidos nos oceanos.

Outra forma de expressão artística dentro da cultura surda é a pintura e aqui podemos destacar como referência a artista Nancy Rourke¹¹, uma americana surda nascida em uma

¹⁰ O poema Estranhos no Mar está disponível no youtube <https://www.youtube.com/watch?v=FpkgT9RvMNo>

¹¹ Os quadros podem ser vistos pelo site oficial: <http://www.nancyrourke.com>

família ouvinte, que passou toda a sua infância sem o diagnóstico de surdez, sendo considerada como uma pessoa com dificuldade de fala, isso era bem comum até pouco tempo atrás, e somente na sua fase adulta a partir do ano de 2010, essa artista conhece o mundo das artes plásticas e através de suas pinturas traz questões ligadas às culturas e comunidades surdas. História da surdez, bilinguismo, militância surda, ouvintismo/audismo, em traços e cores muitos peculiares e marcantes.

Hoje com as facilidades advindas dos avanços tecnológicos, as comunidades surdas de todo o mundo, vem se fortalecendo e divulgando suas atividades através das redes sociais e canais em plataformas digitais, como afirma Perlin e Reis (2012):

Os espaços das artes que envolvem processos culturais surdos se desenvolvem com intensidade. São os espaços gritantes da arte surda: pintura, cinema e teatro, bem como incursões na tecnologia digital. O espaço digital cada vez mais vem sendo transformado em ambiente para a informação e o desenvolvimento da consciência surda (PERLIN; REIS, 2012, p. 42-43).

O surdo tem como seu maior patrimônio cultural a sua língua e toda a expressividade que ela possui, “nós surdos nos movemos pela diferença organizadora do totêmico, do ler os sinais e as informações escritas em línguas de sinais no ar e de não ser compartilhante do mundo dos sons” (Perlin e Reis, 2012).

METODOLOGIA

A escolha de uma metodologia que corresponda ao objeto pesquisado e sua coerência com a referência bibliográfica acerca da temática em questão constitui ponto determinante para o alcance dos objetivos inicialmente propostos para a pesquisa.

A presente pesquisa se caracteriza por ser bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada em leituras, análises e debates evidenciando o processo de construção de identidade e da cultura surda através de textos, artigos e produções feitas pelos surdos, pela ótica do surdo e da comunidade surda.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Frente ao estudo realizado, pôde-se compreender a força cultural do povo surdo e o quanto a valorização da sua língua e sua cultura é um ato de resistência a um contexto histórico e social opressor e esmagador da minoria linguística.

Para este estudo foram utilizados em sua grande maioria autores surdos, respeitando o seu maior lema: *NADA SOBRE NÓS SEM NÓS*, bem como participantes da comunidade

surda, aqui entendido como militantes da cultura surda, bilíngues, os CODAS¹² e todos aqueles que compreendem o ser surdo como pessoas independentes e cômicos.

Por meio dos dados coletados, verificou-se a diversidade existente no interior dos grupos surdos, as diferentes maneiras como eles lidam e encaram os surdos oralizados, os que se comunicavam somente pela Libras, os surdos que não se veem como surdos e os surdos que são bilíngues.

Esse processo fica claro através dos estudos realizados pela Dr^a Gladis Perlin, pesquisadora e autora de diversos trabalhos, que fala com propriedade e descreve os tipos de identidades surdas, onde a mesma se descreve como mulher surda e militante pela causa surda. “Entendo o conceito de identidades plurais, múltiplas, que se transformam que não são fixas, móveis, estáticas ou permanentes, que podem até mesmo ser contraditórias, que não são algo pronto” PERLIN (2016, p. 52).

Na escrita de Perlin, verifica-se que há diversidade nas identidades surdas, que estão intrinsecamente relacionadas à esfera social, grau de surdez e exposições à cultura surda.

Diante do mergulho na cultura surda podemos (re)conhecer uma riqueza linguística, cultural e política. Os momentos empíricos revelaram não só as dores da discriminação, as necessidades sociais de acessibilidade, uma melhor e mais digna organização sócio-política, mas também pessoas com uma imensa capacidade cognitiva, de sensibilidade extracorporal tão pouco difundida, que reconhece e se conecta com o outro pelo olhar, que possuem nas suas mãos uma comunicação ágil e desafiadora, expressas muitas vezes apenas por expressões faciais e/ou corporais.

Contudo a cultura e a comunidade surda, por se tratar de dimensões inseridas na cultura hegemônica, que é a ouvinte, foram e são formadas, ainda hoje, com base na exclusão imposta pelo mundo ouvinte, como também com base nos valores negativos propostos a essa diferença.

A arte é incontestavelmente inerente à vida dos seres humanos. As manifestações culturais e artísticas sempre estarão simbolizando valores e modos distintos de grupos sociais, desta forma as produções artísticas se diferenciam por apresentarem diferentes visões de mundo, Segundo Martins (2001):

[...] diferente de outras expressões culturais como a língua, a ciência ou a filosofia, a arte oferece uma experiência mais imediata e concreta. Sempre que nos defrontamos com uma obra de arte, seja ela música, pintura,

¹²O termo, originário do inglês, é uma abreviação para *Child of Deaf adults*. Em português, a expressão é traduzida para Filho de Pais Surdos. Ela representa todas as pessoas ouvintes que possuem pai ou mãe surdos, ou até mesmo ambos.

escultura, teatro, ou qualquer outro tipo, estamos na presença de uma obra individual. Uma pessoa concreta diante de uma obra concreta e individual (MARTINS, 2001, p. 45).

As manifestações artísticas e culturais surdas se fazem presente também nos teatros, nas piadas, na poesia e nos movimentos culturais, sempre tendo como foco a valorização do ser surdo, da cultura surda e dos seus direitos linguísticos. Na cidade de Salvador-BA, a comunidade surda é expressiva e organizada. Aqui na cidade, possuímos grupos de dança em que se trabalha, através da vibração sonora, os movimentos corporais ritmados ao toque dos atabaques. Como exemplo, podemos citar o grupo de Teatro VibraDança que contextualiza religiões de matriz africana com a cultura da dança pela vibração que os diversos toques dos atabaques possuem, representando chegadas e partidas de entidades religiosas.

Podemos entender o quanto a arte surda reflete as lutas, a cultura e principalmente a identidade surda não só individual mas também expressa gerações surdas. “A língua é uma prática social que carrega cultura e estabelece identidades” (QUADROS, 2019, p.43). A arte visual surda exprime o seu valor histórico, suas emoções, seu meio social e principalmente sua língua, deixando um legado para gerações futuras do desenvolvimento da consciência crítica, transmitindo conhecimento, denunciando uma insatisfação e reafirmando um posicionamento político. “É através da arte que o homem se redescobre e recria novas possibilidades de ser e estar no mundo” (Maurício Damasceno).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise permite observar que as lutas históricas das pessoas surdas diante da hostilidade e complexidade social são verdadeiras batalhas pelo reconhecimento de deveres e direitos por espaços negados na sociedade ao longo dos anos.

As experiências sociais com diferentes e similares, a evolução no processo educativo e o desenvolvimento de políticas públicas são exemplos de ações que reafirmam a busca por visibilidade, construção de identidade e cultura própria.

A identidade surda é heterogênea, como descrevem Perlin e Rosa, pois cada surdo tem sua personalidade, pautado no meio social em que vive. Alguns são mais engajados politicamente, outros, se apropriam da cultura ouvinte, mas todos buscam sua inserção social demonstrando sua capacidade. É preciso empatia e respeito pela diferença, pois a busca pela quebra de estereótipos é diária e o País ainda não garante plena acessibilidade a todos.

Portanto, a pesquisa realizada revelou o quanto há retratação histórica no âmbito sociopolítico, socioeconômico, linguístico, cultural, educacional e científico. Diante o exposto por Campello e Strobel, as violências vivenciadas pelos surdos não cabem mais na

humanidade atual e para tanto se faz necessário haver equidade, respeitando as diferenças culturais.

Os objetivos pretendidos nesta pesquisa foram alcançados, pois, podemos perceber, através dos estudos as múltiplas identidades surdas, a riqueza cultural do povo surdo e principalmente a capacidade de organização de movimentação política em prol dos seus direitos, ainda que estejam longe do almejado.

Salientamos que a oficialização da LIBRAS é de grande importância para a Comunidade Surda brasileira, pois prevê intérpretes em escolas, hospitais, repartições públicas, estabelecimentos comerciais, entre outros e abre opções para dar ao surdo o acesso à sua cultura, à sua história e à história da humanidade.

REFERÊNCIAS

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. Sinais Iniciais. In: QUADROS, Ronice Müller de. **Linguística para o ensino superior 5**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

CAMPOS, Débora Wanderley; STUMPF, Marianne Rossi. Cultura Surda: um patrimônio em contínua evolução. In: PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne (org). **Um olhar sobre nós surdos**. 1. ed. Curitiba- PR, CRV, 2012. p 177- 186.

FOUCAUT, Michel. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Editora Vozes,1997.

GESSER, Audrei. **Libras?: Que língua é essa? crenças e preconceito em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

MARTINS, Carlos Alberto. A cultura surda na escola. In: PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne (org). **Um olhar sobre nós surdos**. 1. ed. Curitiba- PR, CRV, 2012. p 149-165

PERLIN, Gladis; Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8.ed. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 7 – 32.

PERLIN, Gladis; REIS, Flaviane. SURDOS: cultura e transformação contemporânea. In: PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne (org). **Um olhar sobre nós surdos**. 1. ed. Curitiba- PR, CRV, 2012. p 28-46.

QUADROS, Ronice Muller de. **LIBRAS: linguística para o ensino superior 5**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2019.

ROSA, Emiliana Faria. Identidades surdas: o identificador do surdo na sociedade. In: PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne (org). **Um olhar sobre nós surdos**. 1. ed. Curitiba- PR, CRV, 2012. p 22- 28.

SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (org). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8.ed. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 7 – 32.